

A JORNADA DIASPÓRICA DE GILBERT JOSEPH, O HERÓI DE A PEQUENA ILHA DE ANDREA LEVY

Rita de Cássia Alves de SOUZA*

RESUMO: Este trabalho examina o mito do herói segundo as três fases descritas por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*, classificadas como: Separação, Iniciação e Conquista, aplicadas a jornada diaspórica do personagem Gilbert Joseph, de *A pequena ilha* de Andréa Levy. Estabelecem-se paralelos com o contexto do pós-colonialismo ao abordar a diáspora caribenha e a influência do colonizador sobre o personagem. Como referencial teórico, relacionado ao pós-colonialismo, especialmente o aspecto da diáspora, foram utilizadas as obras *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*, *O pós-colonialismo e Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais* de Thomas Bonnici e *Da diáspora* de Stuart Hall.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora caribenha; pós-colonialismo, mito do Herói; Preconceito Racial; Hibridismo.

ABSTRACT: This work aims at examining the hero's myth according to the three-phase classification proposed by Joseph Campbell in his book *The Hero with a Thousand Faces*. Campbell labels these phases as Separation, Initiation and Return. These concepts are applied to the diasporic journey of Gilbert Joseph, a character in Andrea Levy's *Small Island*. Parallels with postcolonialism are established in order to approach the Caribbean diaspora and the colonizer's influence on Gilbert. There is a parallel between the character's life in Jamaica, which was a British colony at that time, and his journey to England, where he meets the colonizer and undergoes many difficulties due to being a black migrant. This study also takes into account the hybrid aspect and the in-betweenness of the diasporic subject. The theoretical basis concerning to postcolonialism, and more specifically to the diasporic aspect, was Thomas Bonnici's *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*, *O pós-colonialismo and Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*, and Stuart Hall's *Da diáspora*.

KEYWORDS: Caribbean diaspora; postcolonialism; Hero's myth; racial prejudice; hybridism.

O séc. XX foi marcado pelo maior número de deslocamentos de povos da história da humanidade. Estas diásporas modernas foram motivadas pelas mais diversas causas, fazendo lembrar antigas diásporas e trazendo para o centro dos discursos a questão da transculturação. As narrativas que envolvem o colonialismo europeu e suas muitas manifestações estão presentes em obras premiadas e reconhecidas da atualidade e visam mostrar o relacionamento entre o colonizador, personificado como o “Eu” e o colonizado tratado sempre como o “outro”.

A literatura pós-colonial veio trazer uma nova abordagem aos conflitos entre colonizador e colonizado, sendo um dos focos dessa categoria de ficção, o tratamento dos

* Mestranda em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade. rita@ufpr.br

povos colonizados dentro do ambiente do colonizador e o impacto dessa convivência no colonizado.

Segundo Thomas Bonnici, professor e estudioso da teoria pós-colonial, a literatura pós-colonial é “toda produção literária produzida pelos povos colonizados pelas potências européias entre o séc. XV e XX”. Dentro das categorias literárias pós-coloniais, os romances pós-coloniais, definidos por ele como: “narrativas que dão voz a um povo para afirmar sua identidade” estão entre os que mais se sobressaem (BONNICI, 2005, p.35).

Uma temática muito presente nos romances pós-coloniais é a diáspora dos sujeitos colonizados e a resistência em suas relações com o colonizador. Para o teórico já citado anteriormente, esses romances “não existem para serem politicamente neutros”, os autores têm o compromisso de problematizar a situação do Outro. Ele afirma também que “os romances caracterizados pela diáspora transnacional tem sido uma fonte de contestação contra a fragmentação de comunidades e a favor de atitudes comprometidas com a construção de comunidades” (BONNICI, 2009, p.437).

Uma das narrativas mais pungentes sobre o tema da diáspora negra é *A pequena Ilha* cuja diegese é baseada na diáspora jamaicana, romanceada e ilustrada por fatos históricos ocorridos em 1948, com a chegada dos primeiros imigrantes negros a Londres.

Assim, a partir das idéias expostas inicialmente, o presente trabalho visa examinar a intertextualidade entre a narrativa de *A pequena ilha* e a jornada mítica do herói descrita por Joseph Campbell em *O Herói de mil faces*, classificada nas três fases definidas pelo autor como: Separação, Iniciação e Retorno. A jornada diaspórica do personagem Gilbert será utilizada como exemplo ilustrativo e como embasamento teórico para a análise, utilizando-se as obras *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* e *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais* de Thomas Bonnici.

A autora do romance em questão, Andréa Levy, nasceu em Londres em 1956. Seus pais, jamaicanos, estavam entre os primeiros pioneiros caribenhos que foram para Londres em 1948. Levy começou sua carreira de escritora após os trinta anos de idade, decidida a falar da experiência dos negros britânicos na Inglaterra. Suas obras foram bem recebidas pela crítica e seu valor literário lhe rendeu o prêmio de melhor escritora do Arts Council da Inglaterra e o prêmio Orange de ficção em 2004.

Uma das características da produção literária da autora é deixar transparecer em seus livros a sensação de entre-lugar vivenciada pelos sujeitos frutos de culturas híbridas, especialmente os negros nascidos e criados em um país de população branca. Ela própria se classifica como um sujeito híbrido quando afirma não se sentir totalmente como parte da sociedade inglesa e nem totalmente como estrangeira (ALVES, 2009, p.21).

Para compor *A pequena Ilha*, Levy faz uma construção narrativa utilizando elementos autobiográficos, fatos históricos e muita imaginação. A ação do romance se passa em Londres no período pós-guerra ainda em fase de reconstrução, e mostra a chegada dos primeiros imigrantes jamaicanos a bordo do navio SS. Empire Windrush no ano de 1948. Essa viagem trouxe os primeiros migrantes negros e marca o início da migração caribenha para a Grã-Bretanha. Segundo Stuart Hall esse fato “simboliza o nascimento da diáspora negra caribenha no pós-guerra” (Hall, 2003, p.25).

A trama do romance tem sua tessitura no relacionamento entre dois casais – o casal britânico branco formado por Victoria Buxton e Bernard Bligh e o casal jamaicano negro formado por Gilbert Joseph e Hortense Roberts. A autora usa o relacionamento entre os dois casais como metáfora do relacionamento entre o império e a colônia, ou seja, entre o “Eu” branco representando o colonizador (Inglaterra) e o “Outro” negro representando o colonizado (imigrante jamaicano). O “Outro” é sempre visto pelo império numa condição de inferioridade, maximizando a polaridade Norte/Sul e o binário Europeu/Não-Europeu. Para Bonnici, “(...) a objetificação ainda existe, a comunicação ainda é difícil, a transculturação gira em torno da dominação cultural, a futilidade ainda reina, mas o soerguimento do sujeito colonial ainda é possível” (BONNICI, 2009, p.436).

O romance está dividido em várias sessões com apenas duas denominações “1948” e “Antes”. As vozes dos quatro personagens principais se alternam na sumarização dos acontecimentos e, como testemunhas, eles vão narrando a história, sempre em primeira pessoa. Ao entrar nos personagens e olhar o mundo através de seus sentidos, a autora nos permite perceber a ânsia de cada um deles em construir sua identidade e o resgate de suas personalidades. O tempo em que os fatos acontecem é o ano de 1948 com flashbacks de um período definido como antes. No desenrolar do enredo há uma sucessão de encontros e desencontros entre os quatro personagens principais, evidenciando a tentativa do colonizador branco de subjugar o sujeito diaspórico negro. O ano de 1948, como já foi dito anteriormente

é uma data chave nos estudos pós-coloniais,] e é lembrada de forma recorrente pela autora para enfatizar a importância do aporte dos primeiros sujeitos diaspóricos negros em Londres, relativizando as relações entre o “Eu” e o “Outro”.

Londres é usada pela autora como contraponto, vista pelos personagens negros como uma cidade fria e racista em paradoxo à Jamaica, a terra natal dos sujeitos diaspóricos, sempre lembrada por eles como quente e hospitaleira, porém muito pequena para comportar seus sonhos e ambições. Essa Londres em reconstrução é o cenário escolhido pela autora como um palco onde o personagem Gilbert enfrentará os obstáculos materializados em seu caminho, sendo o pior deles o preconceito racial.

A primeira fase da vida de Gilbert Joseph mostra sua infância na Jamaica, até então colônia da Inglaterra. Ele aparece como um entre dez irmãos, filho de pai judeu (de pele mais clara) e mãe negra (retinta). O pai era vendedor, anglicano e alcoólatra, a mãe fazia bolos de encomenda para sustentar a família e mantinha seu próprio negócio. Apesar do alcoolismo do pai, a família possuía condição financeira estável e conseguia sobreviver com dignidade.

Ainda criança Gilbert sentiu a identificação de sua mãe com o colonizador ao se recordar das atitudes dela: “sentia-se satisfeita por poder passear ao lado daquele marido, quase branco” (LEVY, 2008, p.129). Essa diferença entre os tons da pele dos negros, descrito pela autora, problematiza o racismo entre os próprios negros e o desejo dos negros que possuíam um tom de pele mais claro em ser como o colonizador branco. Esse preconceito racial entre iguais é explicado por Stuart Hall, também jamaicano e diaspórico, que sofreu a opressão dentro de sua própria família por ter nascido com um tom de pele mais escuro que os demais irmãos:

Eu era o membro mais escuro de minha família (...) quando nasci minha irmã mais clara que eu disse – De onde vocês tiraram esse bebê coolie? Ora coolie é uma palavra depreciativa na Jamaica (...) - ela notou sim que eu era de uma cor diferente da sua. Isto é muito comum nas famílias da classe média jamaicana, porque elas são o produto de relações entre escravos africanos e senhores de escravos europeus, e os filhos então nascem com tom de pele diferente. (...) Ambas as frações de classes se opunha à cultura da maioria do povo negro jamaicano pobre: são altamente preconceituosas em relação à raça e cor, identificava-se com os colonizadores. (HALL, 2009, p.386)

Apesar da atitude da mãe, Gilbert não incorporou os padrões ocidentais e tudo nele estava intimamente ligado às tradições jamaicanas. Ele aprendeu a dirigir ainda menino para

fazer as entregas dos bolos que a mãe vendia para sustentar a família. Gilbert estudou e se educou buscando realizar o sonho de ser aviador. Quando a Pátria Mãe convocou os jovens caribenhos para lutar contra as forças de Hitler na Segunda Guerra Mundial ele, assim como milhares de jovens jamaicanos, alistou-se na Força Aérea Britânica, a RAF, e partiu para a Guerra (LEVY, 2008, p.135).

Como voluntário, Gilbert recordou-se que, no início do conflito, quando os ingleses e aliados não haviam previsto o poderio do exército alemão, um de seus irmãos tentara alistar-se no exército britânico, contudo, fora recusado pelo exército de vossa majestade por não ser considerado branco legítimo. Essa situação só foi modificada após as baixas sofridas pela Inglaterra na guerra, quando se viu obrigada a convocar os jovens jamaicanos, chamados combatentes das Índias Ocidentais. Todavia esses soldados não receberam o mesmo tratamento dado aos soldados brancos, que se recusavam a dividir o mesmo espaço com eles, tratando-os como subumanos e dilapidando a auto-estima deles. É nessa fase que Gilbert teve seu primeiro contato com o racismo. Antes de sair da Jamaica, ele sempre se sentira como qualquer outro inglês mas, ao ser discriminado pelos soldados brancos, viu surgir a duplicidade de sua identidade. O preconceito racial explícito exercido pelos soldados brancos sobre os negros teve seu ponto culminante com o convite feito pelo exército americano aos combatentes caribenhos para que recebessem treinamento na Virgínia. Quando ali chegaram foram tratados pelos brancos como seres inferiores e foram vítimas de inúmeras humilhações e maus tratos:

Enquanto forem convidados dos Estados Unidos terão total liberdade dentro desse campo (...) vocês vão conviver com o pessoal branco (...) não serão tratados como negros. (...). Nós, das Índias Ocidentais, tínhamos por hora uma pele preta superior, tínhamos permissão para conviver com soldados brancos, enquanto os negros americanos inferiores pela política de segregação (Jim Crow) não. (...) fiquei estupefato, nós jamaicanos nos considerávamos homens do mundo e sofisticados. (...). Eu sou fiel a minha bandeira, mas vocês jamais verão um branco que se preza indo lutar ao lado de um preto. (LEVY, 2008, p.131-153)

O sentimento de decepção e estranheza de Gilbert foi de fato potencializado ao procurar no dicionário a definição para a palavra antropóide, usada por Hitler para designar judeus e negros. Ao descobrir que a palavra significava “Parecidos com humanos, mas primitivos como macacos”, Gilbert sentiu uma intensa angústia. Nosso herói foi duplamente

sufocado pela realidade de ser negro e filho de judeu. Sua revolta com o colonizador personificado no mito da Pátria Mãe foi verbalizada num desabafo cheio de ressentimento:

E ela é a vadia miserável que por fim chega para cumprimentá-lo, esfarrapada, velha e empoeirada como os mortos e enterrados. A mãe tem mau hálito, um olho roxo e um único dente (...). Essa velha mal cheirosa e irascível, ela não lhe oferece nenhum conforto após sua viagem, nenhum sorriso, nada de boas vindas, em vez disso, baixa os olhos imperiosos e diz Quem diabos é você” (...) sabem que estou falando da Inglaterra, da Pátria-Mãe (LEVY, 2008, p.139).

Gilbert viveu vítima dessa opressão até dar baixa como ex-combatente e retornar a Jamaica. Apesar de tudo que sofreu na guerra, sua essência não mudou e ele continuou sendo o jamaicano típico, confiante, bem falante, alegre e brincalhão. Na certeza de que seria bem sucedido investiu todo seu capital, economizado com dificuldade durante o tempo em que serviu o exército, num negócio de abelhas com seu primo Elwood. O negócio faliu e Gilbert perdeu todo dinheiro investido mas, mesmo assim, continuou bem humorado e ainda via o lado bom de todas as coisas. Contudo, sem dinheiro e sem trabalho, intuiu que a Jamaica, mesmo sendo a maior ilha do caribe, não era mais do que uma prisão para ele: “Eu era um gigante vivendo numa terra do tamanho da sola dos meus sapatos. Para onde eu me virasse eu via o mar. As palmeiras que os turistas achavam tão bonitas eram as grades da minha prisão. O horizonte eram as fronteiras que me atormentavam, eu sentia inveja do pelicano, sentia inveja do corvo com asas para sair voando dali facilmente e ir para outro lugar.” (LEVY, 2008, p.206).

Ao vivenciar essa inquietação, essa sensação de estar preso, Gilbert demonstrava a sua insatisfação com sua vida naquele momento, e é essa incompletude interior que o impeliu em uma busca por repostas.

Esse chamado para a aventura é definido por Campbell como a primeira fase da jornada mítica do herói, chamada de “Separação ou Partida”. Campbell afirma que o herói está só e é forçado por algum acontecimento a deixar o conforto do lar e partir para terras longínquas nas quais deverá enfrentar vários obstáculos, receberá ajuda espiritual ou sobrenatural, vencerá e retornará com o fruto da conquista. O chamado pode ocorrer das mais diversas maneiras e o herói pode atender ou não ao chamado. O atendimento significa o enfrentamento dos perigos que virão: “Esse primeiro estágio da jornada mitológica significa

que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro da gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 1981, p.66).

Campbell afirma que há dois tipos de proeza do herói, “uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem (...) ou salva uma vida, a outra é a proeza espiritual, em que o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem” (CAMPBELL, 1990, p.131).

Gilbert, assim como os heróis míticos descritos por Campbell, entendeu que precisava partir e atender ao chamado da aventura, mas não possuía recursos financeiros para ir adiante. Como última alternativa aceitou o dinheiro emprestado por Hortense, uma conhecida sua que impôs como única condição que ele se casasse com ela e a levasse para a Inglaterra. Ao aceitar a condição imposta por Hortense, Gilbert sentiu-se vendido:

Com Hortense, meus pés pisaram o chão com tamanho baque, que meus calcanhares quase se partiram (...) perto dela eu me sentia um anão (...) Ela era bonita (...) Mas onde aquela mulher tinha aprendido tanto desprezo (...) ela não gostava de mim (...) sem nenhuma declaração de amor, ela me avisou que teria de casar com ela para ter o dinheiro. Aquela mulher estava procurando uma saída e era nas minhas costas que iria cavalgar (...) agora o chão estava rachado e seco, duro demais para enfiar os dedos na terra e foi ali que chorei (...) eu estava derrotado (...) se Hortense tinha dinheiro para me comprar (...) então eu não custava tanto assim. (LEVY, p. 207-p.208)

Gilbert casou-se com Hortense e partiu sozinho para a Inglaterra, sabendo que não era amado pela esposa e que conquistar esse amor seria mais um obstáculo a ser superado por ele. Para Campbell, “um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1981, p. 36).

Hortense, esposa de Gilbert, fica na Jamaica esperando por ele e é descrita como uma negra de pele cor de mel, motivo pelo qual ela não se identificava com os outros negros jamaicanos mas, sim, com o colonizador. Bem educada, falava a língua inglesa fluentemente e tinha sempre uma atitude arrogante em relação aos outros negros. Essa atitude de Hortense era causada por um sentimento íntimo de superioridade por se considerar branca. Sonhava em ir para a Inglaterra, viver numa linda casa com campainha. Para conseguir seus objetivos ela usou de vários artifícios, sendo um deles o ato de emprestar o dinheiro da viagem a Gilbert.

Ela não estava apaixonada por ele, sentia até certo desprezo, mas identificava nele um homem honesto em quem podia confiar e naquele momento parecia a única chance de sair da Jamaica e viver na Pátria-Mãe.

Gilbert chegou em Londres em 1948 a bordo do navio SS. Empire Windrush entre mais de 500 imigrantes jamaicanos que queriam começar vida nova na Inglaterra. Segundo Bonnici:

(...) em 1948 não existia restrições migratórias para os cidadãos do Império Britânico. Devido às perdas ocorridas com a segunda guerra mundial, o governo britânico encorajava imigrações em massa para preencher lacunas no mercado de trabalho (...) especialmente os caribenhos sentiram-se atraídos por um futuro melhor na “mãe” Inglaterra. Apesar das oportunidades de emprego, o déficit habitacional era grave. (BONNICI, 2009, p.430).

Ao procurar trabalho e um local para morar, Gilbert sofreu várias humilhações. Ele foi rejeitado pela população branca que não aceitava conviver com negros na Inglaterra. Nesses momentos Gilbert pensou na dificuldade de trazer Hortense da Jamaica e cumprir sua parte no trato, proporcionando a ela uma vida digna.

Podemos identificar nessa etapa da narrativa, a segunda fase do monomito, descrita por Campbell como Iniciação, também chamada de “Caminho das Provas”, quando o “herói” é testado com os mais diversos obstáculos, e cabe a ele enfrentar todos os medos em sua jornada para o crescimento espiritual (CAMPBELL, p.102).

A primeira dificuldade enfrentada por Gilbert foi encontrar moradia. Ele tentou alugar várias casas, mas em todas foi recusado por ser negro. Ele começou a desanimar quando encontrou uma antiga conhecida chamada Queenie, com quem fizera amizade no tempo em que servira como soldado na guerra.

Queenie (Victoria Buxton) inglesa, branca, filha de açougueiro e casada com Bernard Bligh, vivia só em uma grande casa. Ela não tinha filhos e o marido não retornou ao lar após a guerra, e ela sequer sabia o paradeiro dele. Algum tempo antes da volta de Gilbert a Inglaterra, Queenie teve um relacionamento extraconjugal com Michael, um negro jamaicano. Ela sentia a falta do marido e havia perdido o sogro, única companhia dela na casa. Por tudo isso, Queenie mostrava-se menos racista que seus vizinhos, vivia um conflito de identidade por ser branca criada com os valores de sua sociedade, mas sentindo-se sexualmente atraída

pelos negros. Ao reencontrar Gilbert, Queenie continuava solitária e precisava ganhar algum dinheiro extra, resolveu então alugar alguns quartos da casa para ele e outros imigrantes caribenhos negros.

Entretanto, Queenie cobrava dos inquilinos um aluguel exorbitante por um quarto sem banheiro que era, ao mesmo tempo, cozinha e área de serviço. Não havia muitas opções para os imigrantes negros, que se viram obrigados a aceitar as condições dela. Segundo Bonnici “as atitudes entre Queenie e seus demais inquilinos representam o relacionamento entre os dois pólos do macrocosmo britânico: teremos serviços medíocres e preços altos, quando os negros são envolvidos no assunto” (Bonnici, 2009, p.431).

Além do alto aluguel, Queenie, como branca e dona da casa solicita a Gilbert que ele faça gratuitamente pequenos consertos e tarefas domésticas para ela, além de implicar com coisas insignificantes, fazendo-o sentir-se aborrecido e humilhado.

Como o herói mitológico descrito por Campbell, Gilbert continuou sua jornada enfrentando vários obstáculos, sendo o preconceito racial a o maior deles, somado à recusa dos brancos em lhe dar trabalho e a banalização de suas qualificações, o que o deixou bastante deprimido. Por não conseguir função no nível de seu grau de instrução, ele acabou aceitando um serviço subterno nos correios, onde mais uma vez enfrentou o preconceito racial dos colegas, todos eles com menos anos de estudo e aptidão do que ele. Essa rejeição ao sujeito diaspórico está implícita tanto nas negativas de lhe oferecerem um emprego compatível com sua formação e capacidade, quanto nos constrangimentos que lhe foram impostos. (LEVY, 2008, p.307- 313).

A força maciça de trabalho dos migrantes negros usada para reconstruir as cidades devastadas pela guerra impactou a economia do colonizador, causando várias mudanças estruturais na metrópole, segundo Bonnici: “essa crescente migração de trabalho e redistribuição de riquezas cria um forte impacto sobre os sujeitos coloniais” (BONNICI, 2009, p.428).

Ao tentar sobreviver no ambiente do colonizador, Gilbert, embora sofrendo humilhações, manteve sua posição de resistência aos valores ocidentais, procurou preservar a cultura e identidade jamaicana e isto foi sua força para prosseguir em sua jornada.

Quando os amigos jamaicanos de Gilbert foram humilhados e convidados a se retirar de locais e, até mesmo das igrejas, nosso herói logo pensou na Jamaica, sua pequena ilha

ensolarada com pessoas alegres e amigas. No inverno gelado europeu viu-se só, questionando ser a Inglaterra ou a Jamaica “uma pequena ilha”. Nessa angústia resolve mandar buscar a esposa Hortense na Jamaica. Ele não havia conseguido alugar a casa que ela sonhava encontrar na Inglaterra, mas estava confiante de que ela entenderia sua situação. Contudo, no dia da chegada dela, ele dormiu de cansaço e esqueceu-se de buscá-la no porto, o que gerou um novo conflito entre os dois.

Quando Hortense chegou à casa de Queenie e deparou-se com o minúsculo quartinho onde ela teria de dormir, cozinhar e se lavar, somada às precárias condições de vida oferecidas por Gilbert, pergunta: “È só isso? É esse o jeito como os ingleses vivem?”. Incapaz de entender a luta de Gilbert, ela o despreza e se recusa a dormir com ele.

Hortense era ingênua e crédula, desconhecia o que era ser negro em um país de brancos. Como nunca havia saído da Jamaica, não se via como o “Outro” e se identificava com os valores do colonizador branco. Pensava em si mesma como uma inglesa legítima e branca, atitude explicada por Bonnici: “ela construiu uma imagem da “mãe pátria” baseada na disciplina, assiduidade, educação e superioridade (...) sua pergunta interpela e desestabiliza a pureza, que com certeza, espera encontrar na sociedade britânica, semelhante à impressão que os colonizadores lhe deram de como era todo mundo na Inglaterra”.

Gilbert lutava para conquistar o respeito e o amor de Hortense, que não permitia um relacionamento íntimo entre eles. A indiferença e a falta de amor dela somadas as humilhações vividas e a saudade da terra natal causaram um sofrimento profundo em nosso herói, e o fez repensar suas escolhas: “(...) a razão me diz que se eu não quiser matar essa mulher tenho de respirar fundo (...) Toquei-lhe o braço e ela se afastou, muito bem eu sou uma doença contagiosa, falei afastando-me. (...) Cara, essa mulher parece um espinho espetado na minha pele” (LEVY, 2008, p.36-38).

Essa vontade de vencer e os sofrimentos vivenciados criaram ambigüidades em Gilbert. A jornada tornou-se realmente difícil, os obstáculos grandes demais para serem transpostos. Ele começa a fraquejar sentindo-se derrotado, quando é salvo por uma inglesa “branca e baixinha” que o encontra chorando na rua, numa noite gelada qualquer. Ao receber a solidariedade dela, Gilbert sentiu uma onda de felicidade invadindo seu ser. Ela aproximou-se e falou com ele com tanta humanidade e cortesia que o fez recobrar sua essência e continuar lutando:

O arrependimento me apertava a garganta (...) Parei e vi uma mulher baixinha se aproximar de mim. Ofegante, sorridente ela ergueu os olhos para mim (...) seu sorriso era sincero (...) quando abri a boca para agradecer nenhum som saiu (...) pelo meu rosto escorria uma lágrima (...) novamente me estendeu o saquinho. Peguei uma bala (...) tornou a tocar o meu braço dizendo – Anime-se, vai ficar tudo bem - em seguida afastou-se (...) Não tinha intenção de comer aquela bala preciosa, pois aquilo para mim era a salvação, não pelo açúcar, mas pelo ato de gentileza (...) eu me tornara ávido pela bondade das pessoas (...) todos nós rapazes, éramos assim, naquele lugar hostil (...) um gesto simples (...) uma palavra simpática me resgataram de forma tão certa quanto se aquela inglesa me houvesse salvado de morrer afogado no mar. (LEVY, 2008, p.323-324)

Para Campbell, essas pessoas que aparecem no momento de maior dor, quando o herói se sente realmente sozinho e enfraquecido, são como espíritos bons, forças do além que surgem durante a fase de provas para ajudar o herói em sua jornada:

Basta saber e confiar e os guardiões intemporais surgirão, tendo respondido ao seu próprio chamado e perseverado no enfrentamento dos obstáculos o herói encontra todas as forças do inconsciente ao seu lado. Mãe natureza, ela própria dá apoio à prodigiosa tarefa. (CAMPBELL, 1981, p.76).

Gilbert retornou para Hortense mesmo sendo humilhado por ela. Ela manteve sua atitude arrogante e indiferente e continuou reclamando de tudo, até ser rejeitada como professora numa escola londrina onde fora procurar emprego. Ora, Hortense foi educada na Jamaica colonial, teve uma educação refinada, com conhecimentos de geografia, história e inglês. Ela sonhava lecionar para as crianças brancas da Inglaterra. Quando seu diploma foi recusado com a desculpa de que ela não estava qualificada para educar as crianças britânicas, Hortense sentiu o peso da tirania do colonizador. Ela foi completamente racializada e finalmente entendeu sua condição de sujeito negro diaspórico.

Apesar de ter tratado Gilbert com muita arrogância, ele a apoiou mostrando compreender a dor dela, oferecendo amor e solidariedade. A opressão do colonizador branco fez com que Hortense visse Gilbert de um modo novo, passando a respeitá-lo e tratá-lo de forma diferente. Segundo Bonnici “Gilbert e Hortense percebem que a Mãe Inglaterra não lhes é Mãe nem lar” (BONNICI, 2009, p.432).

A Inglaterra aparece para a Jamaica colonial como a mãe-pátria, mas quando Gilbert e Hortense se tornam diaspóricos, são excluídos devido ao seu lugar de

nascimento ou devido aos seus costumes culturais desaprovados pelos ingleses. Apesar de morar na Inglaterra jamais pertencem à mãe-pátria que os racializa por completo (...). A exclusão das pessoas diaspóricas e os preconceitos profundos dos ingleses impedem o sentido de pertença. (...) Não existe nenhuma possibilidade, de nas circunstâncias acima Gilbert e Hortense se sentirem em casa na Inglaterra. (Bonnici, p.433-434)

Ao receber o amor e o respeito de Hortense nosso herói vence um grande obstáculo na jornada para a “conquista”, ele sente-se fortalecido para seguir em frente.

Nessa fase da narrativa, Bernard Bligh marido de Queenie ,reaparece na historia. Ele havia retornado a Londres, mas ficou afastado nos últimos dois anos. Apesar de viver na mesma cidade, ele se escondeu da esposa e não procurou por ela, pois se sentia indigno dela.

Esse sentimento de não-merecimento vivido por Bernard era, sobretudo, por haver tido um relacionamento sexual com uma moça indiana durante a guerra, do qual contraiu uma doença venérea grave. Envergonhado e revoltado, preferiu manter-se distante de todos. Todavia, ao se ver livre dos sintomas da doença, resolveu retornar para a esposa, guardando dentro de si o ódio por toda pessoa de pele escura, visto por ele como desonestos e sujos. (LEVY, p.112).

No retorno à sua casa, Bernard viu Hortense e Queenie chegando juntas, o que lhe causou um misto de raiva e pavor pois, além de ver uma negra em sua própria rua, quem está ao lado dela é sua esposa Queenie. Exasperado ele diz: “Quem viu primeiro, foi a negrinha. Que visão! Na nossa rua nunca tinha visto aquilo antes. Fiquei pasmo ao ver que a mulher branca que a acompanhava era Queenie”.

Ao se referir a Hortense como “aquilo”, Bernard deixou transparecer a magnitude do preconceito racial que sentia pelo “Outro”. Quando Queenie lhe revelou que alugara os quartos da casa aos negros, Bernard se revoltou e tentou expulsá-los. Ao conhecer Gilbert, Bernard não conseguiu controlar seu ódio, expresso em sua oralidade: “Em seguida o patife me estendeu a mão para me cumprimentar, simplesmente fechei a porta na cara dele” e continua reclamando: “maldita gente de cor das colônias (...) o seu lugar não é aqui (...) aqueles vadios escuros só dão problemas” (LEVY, p.420).

Bernard e Gilbert vivenciaram vários conflitos gerados pelo comportamento racista de Bernard. Gilbert sabia que teria de se mudar, ele não se enganava ao pensar: “eu sabia que

com a volta daquele homem (...) os dias tranquilos naquela casa haviam chegado ao fim” (LEVY, p.422- 465).

Gilbert trazia em si as qualidades do Herói: era honesto, solidário, bom e merecia as recompensas por isso. Assim, quando menos esperava, um dos amigos jamaicanos que ele havia ajudado no começo da jornada e que conseguira melhores oportunidades que ele, lhe ofereceu uma bela casa para morar por um pequeno aluguel, pedindo apenas que ele fizesse pequenos reparos da conservação na casa. A oferta do amigo pareceu irrecusável pois era o meio de se libertar da opressão imposta pelo sujeito colonial branco, ou seja, a situação delicada em que ele se encontrava na casa de Queenie e Bernard.

Gilbert aceitou a oferta e sentiu que sua vida estava melhorando, conquistou o amor e respeito de Hortense, tinha um bom emprego - mesmo que não o ideal - e uma bela casa para morar. Ele chegava à fase definida por Campbell como “retorno” ou fase da conquista do herói, quando os obstáculos são vencidos e o herói recebe a benesse da vitória:

Terminada a busca do herói (...) o círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria de volta ao reino humano, onde a benção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos. (CAMPBELL, 1981, p.195)

Gilbert podia se considerar um vencedor pois, para nosso herói a “Conquista ou Retorno” não significava voltar à Jamaica mas sobreviver com dignidade no país do colonizador. Ter o respeito de sua esposa e de seus amigos era o bastante para ele. Todavia, para sua surpresa e de Hortense, Queenie estava grávida, dando à luz em seguida uma criança negra.

O nascimento da criança gera uma ruptura nos valores estabelecidos dentro de cada um deles e os faz questionar sua identidade. Queenie ofereceu o filho a Gilbert e Hortense implorando de joelhos para que eles o levassem, metaforizando o império ajoelhado, alquebrado por seus próprios erros, ao que Hortense respondeu com palavras cheias de decepção: “(...) jamais pensei que a Inglaterra fosse assim, em que devaneio uma inglesa se ajoelharia na minha frente, me implorando que levasse seu bebê negro?” (LEVY, 2008, p. 517).

Gilbert é visto por todos como uma pessoa em quem se pode confiar e é por isso que Queenie lhe doou o próprio filho, fruto de um relacionamento extraconjugal dela com um jamaicano, a alternativa vista por ela para se livrar do bebê foi entregá-lo ao casal de negros.

Como herói, Gilbert aceitou o bebê negro, pois temia em seu coração pelo futuro da criança híbrida, “um sujeito diaspórico em sua própria pátria”. Tanto ele quanto Queenie entendiam que o bebê não poderia ser feliz num lar de brancos, mesmo com Bernard dizendo-se capaz de criá-lo como filho legítimo.

Ao aceitarem a criança, Gilbert e Hortense demonstraram toda sua solidariedade para com Queenie e com o bebê. Segundo Bonnici, “no exato momento em que Hortense deixa o apartamento de Queenie com a criança, ela revela o caos feito no centro do poder hegemônico e reafirma a construção do ser diaspórico” (BONNICI, 2009, p.436).

A conquista da “suprema benesse” e o retorno do herói após ter completado sua jornada, vencer os obstáculos e terminar sua busca, apontada por Campbell como finalização do círculo do monomito, fica evidente o amadurecimento espiritual de Gilbert. Quando decidiu partir levando a criança híbrida, compreendeu que ele e sua família serão sempre vistos como estrangeiros naquele lugar. Esse amadurecimento também foi vivenciado por Hortense que, ao final da narrativa, já não se identificava mais com o colonizador branco, e sim com os sujeitos diaspóricos negros como ela, passando a ver a Inglaterra como “um lugar muito frio” não só pelo inverno gelado, mas como metáfora da frieza de sentimentos de seu povo por seus semelhantes. Os sentimentos de Hortense por Gilbert também evoluíram e ela passou a vê-lo como um homem de classe, de caráter, nobre “a ponto de se tornar uma lenda”, a mesma imagem que ela tinha do pai no início da narrativa.

A fase do “retorno” no monomito requer que o herói traga os símbolos de sabedoria de volta ao reino humano, onde a benção alcançada servirá à renovação de toda a comunidade, objetivo alcançado simbolicamente pelo compartilhamento das experiências e vivências de Gilbert com seus amigos diaspóricos, levando-os a construção de uma nova comunidade na terra do colonizador (CAMPBELL, 1981, p.195).

Podemos afirmar que Gilbert, em sua jornada de herói, aceitou o chamado para a aventura em uma terra distante, venceu os obstáculos materializados em seu caminho e conquistou seu lugar numa Londres racista. Gilbert é a metáfora do sujeito diaspórico real, formado por sua própria bagagem cultural, proporcionando à geração de filhos híbridos no

ambiente do colonizador, filhos que também terão sua jornada à procura de sua identidade, e como o herói Gilbert, terão de desenvolver mecanismos para conviver com o preconceito e o entre-lugar entre duas culturas muito diferentes.

Referências

- ALVES, Érica Fernandes. *Diáspora: resistência e revide em Small Island* (2004), de Andréa Levy. Tese de mestrado. Maringá: UEM, 2009.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: EDUEM, 2005. 60p
_____. (org.). *Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: EDUEM, 2009. 491p.
- CAMBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1981.
_____. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003. 434p.
- LEVY, Andrea. *A pequena Ilha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 526p.